a foice do tempo[1]

DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD

AO LONGO DE SEU ENSINO[2], J. Lacan se interrogou muito a respeito da contagem, recorrendo, de um lado, à teoria dos conjuntos e, do outro, à lógica, até chegar à topologia. A prática analítica, da fala, da linguagem, deixa o sujeito contar, relatar, dizer, mas da mesma forma subtrair-se gradualmente à "cifra mortal de seu destino", que lhe foi dada pelo Outro primordial. Ao longo da história do sujeito, em sua diacronia, está em questão dar-lhe outro ritmo, outro tom, rumo ao encontro de seu estilo pela sincronia do bem-dizer, a de uma psicanálise. Se, para Lacan, a experiência da análise é a experiência de uma pura perda, ela é então a experiência da constituição do menos. O sujeito faz descobertas, mas nenhuma poderá substituir nem recuperar o objeto perdido: "O encontro, tão logo se apresenta, é reencontro e, de mais a mais, está sempre pronto a sumir novamente, instaurando a dimensão da perda"[3]. *O um-a-menos*, nesse movimento de subtração, denuncia a falta, uma falta que já está ali, por estrutura; ela presentifica a ausência, ela faz existir por sua presença a falta fundadora.

Para Lacan, a lógica do número introduz o contável. Quanto ao limite deste, articulado ao limite da linguagem, Frege é exemplar: ele trata o número independentemente do ato de contar. O número pode ser considerado uma *seqüência serial* e o limite de uma *função*. Ora, o próprio Frege era um lógico da linguagem e, como tal, sensível a esse ponto de limite contido pelo universo simbólico, o universo da linguagem. Com Lacan, esse limite da linguagem é o irredutível comparecimento do real. Frege usa o conceito de conjunto vazio cuja atribuição de número é o zero a partir do qual os números se multiplicam indefinidamente, manifestando sob forma serial, uma infinitude. O *Um* tem duas funções, como assinala Lacan em *O seminário - livro 12: problemas cruciais para a psicanálise*: "o *Um* de miragem, que é suscetível de confundir o *Um* com o indivíduo, e, por outro lado, o *Um* da numeração que é outra coisa"[4]. Lacan começa definindo o sujeito da psicanálise como sendo a presença da falta, o sujeito instaurando-se como zero, essa definição permite que ele estabeleça a dialética entre o que o sujei-

[1] Termo extraído do texto: *Radiophonie*. Em francês, *le faux* [o falso], *la faux* [a foice] e *il faut* [é preciso] *du temps* [tempo] pronunciam-se da mesma forma. O tempo necessário ao surgimento do ser, à *falácia do Ser*. Trabalho apresentado no *IV Fórum Nacional da APCL*, O Sujeito em questão na psicanálise; 2003, novembro; Salvador.

[2] Este ponto foi extraído do terceiro capítulo de minha tese de doutorado — no prelo da Editora da UNB. Inspirei-me nela para retomar a questão sob um novo prisma.

[3] Lacan. *Le séminaire - livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1963-1964), (1973, p. 27)

[4] Lacan. *O seminário - livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965), (Inédito; aula de 3 de março de 1965)

to pode ter como objeto e o objeto que ele pode ser, da qual são oriundas a relação do sujeito com o Outro e a idéia de uma *falácia do Ser*.

Assim, Lacan se serviu da teoria da visão conjuntista clássica, seguida pela lógica moderna de G. Frege, e ofereceu à psicanálise a possibilidade de abordar esse lugar ausente, vazio, existência de uma inexistência, o lugar fundador de um sujeito. O que nos interessa nessa teoria é pensar esse lugar ausente, cujo ponto de partida se encontra na ficção do mito rumo à existência de uma estrutura. Essa passagem permite fundar um lugar vazio, da inexistência, mas também o *Um*. O *Um*, em seu paradoxo, é o que ex-siste: por um lado, funda o lugar vazio e, por outro, inscreve-se na série dos significantes. Esse lugar vazio marca a presença de uma ausência. O *Um*, que não é apenas a adição de uma contagem, apresenta-se como subtração, como interrupção, como fenda: o *Um* do traço que inaugura uma série, a qual paradoxalmente o interrompe como efeito. O *Um* introduz uma descontinuidade na experiência do inconsciente, é o *Um* da ruptura, do hiato, de um traço. Para introduzir nessa passagem a descontinuidade na trajetória do ensino de Lacan, foi necessário retomar a questão do mito, tema caro a Freud, sobretudo em *Totem e Tabu* e *Édipo Rei*, a fim de contextualizar e ressaltar a função do mito na estrutura de um sujeito. *O seminário - livro 4: a relação de objeto* deu início a essa trajetória ao atribuir ao mito sua importância na estrutura do sujeito, conforme as três modalidades da falta de objeto nos caminhos edipianos de um sujeito.

Em *O seminário - livro 4*, Lacan inicia uma tese que aprofundará, oito anos depois, em *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise*, a saber, o papel desse lugar de inexistência na constituição do sujeito ao elaborar a passagem do mito à estrutura. Neste seminário, o percurso consiste na abordagem das três modalidades da falta de objeto e em suas conseqüências nas posições ditas passivas e ativas do sujeito e do objeto em seus laços sociais, a começar por seus primeiros objetos de *enamoródio* parentais extraídos da clínica freudiana. Os mitos infantis desembocam numa necessidade estrutural que traz consigo a expressão de uma verdade que se tornará, com a operação do recalque, uma meia-verdade sob forma de ficção. Relembrando Heidegger acerca dos temas da vida e da morte, esse movimento faz perceber, diz Lacan, a relação com a existência e a não-existência, isto é, com o aparecimento daquilo que não existe ainda[5]. Esses já são, mesmo assim, temas ligados à existência do sujeito e aos horizontes que sua experiência lhe traz, no

[5] Lacan. *Le séminaire - livre 4: La rélation d'objet* (1956-57), (1994, p. 254)

que diz respeito às questões da origem, do sexo e da morte. Aqui se encontra a atividade mítica empregada pela criança que, num tempo *posterior* e num movimento retroativo, participará de sua estrutura. A criação mítica da criança a prepara para seu funcionamento estrutural. Dessa ligação mítica, primária ao objeto de amor, a criança funda um primeiro logro intersubjetivo. Nas diversas tentativas de simbolizar o imaginário e os efeitos de permutações e metamorfoses surgidas nessas maneiras de fazê-lo, a criança entra num sistema de significantes e de linguagem. O sujeito entra num sistema de discurso cuja dinâmica, em seu duplo movimento sincrônico e diacrônico, remaneja a fixação de uma ficção mítica pela instalação de um sintoma criado e surgido nesse lugar de existência de um vazio estrutural. Ex-sistência que insiste em comparecer na compulsão à repetição e nos sintomas. A existência do sintoma *cai justo* num *locus* marcado por uma inexistência, e desse mito resta um real cujo operador simbólico, o funcionamento da linguagem, fará seu contraponto.

Em *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise*, Lacan introduz o que chama "o mais além do complexo de Édipo", isto é, as incidências e as conseqüências da travessia edipiana após a operação do mecanismo de recalque que efetua a passagem do pai real ao pai simbólico. É nesse Seminário munido de novos elementos, sobretudo no tocante à articulação do real no simbólico, que Lacan avança e sublinha a importância do que permanece como resíduo do mito, do que resta como real para dar lugar à simbolização, e do qual decorrerão as repetições na contagem da história ficcional do sujeito. O parricídio deixa neste movimento o rastro de um resto de gozo não tratável pelo simbólico. Será preciso um trabalho de elaboração simbólica – *Durcharbeitung* – desse ato do parricídio à função simbólica do Nome ou, dito de outro modo, uma elaboração do *D'us o pai* ao *Nome-do-Pai*, cuja versão desse pai morto *père-severa* em sua estrutura. Ou seja, a maneira como o sujeito lidará com esse resíduo de gozo em seu próprio sintoma, que *caiu no locus* da inexistência e que, com sua roupagem fantasmática e a incorporação da linguagem, conduz o sujeito a *bem-dizer* esse sintoma, a tratar diferentemente esse resíduo de gozo, fazendo dele seu *sinthoma*.

Lacan, na virada de *O seminário - livro 17*, antes de passar à segunda parte sobre o "mais além do complexo de Édipo", retoma a *XXXV Nova Conferência* de Freud, *Weltanschauung*: uma visão do universo[6]. É curioso notar que nem *Projeto para uma psicologia científica*, que inaugura a psicanálise, nem a últi-

[6] *Weltanschauung* é um conceito especificamente alemão, cuja tradução poderia se aproximar da noção de conceito ou ponto de vista do mundo.

ma conferência de Freud são bem lembrados. Apesar do longo espaço de tempo entre um e outro, esses dois grandes textos falam da origem: o primeiro, do surgimento do funcionamento do aparelho mental segundo o modelo da experiência de satisfação; o segundo, da origem do Universo, de um conceito de visão do cosmos numa era negra que se iniciara com a Guerra e que marcaria toda a humanidade. Com *Projeto*, abre-se a possibilidade do surgimento de uma nova visão de funcionamento do aparelho psíquico e de suas conseqüências, que prendem o sujeito nos laços sociais. *Projeto* trata da origem da constituição subjetiva, do nascimento, e a última conferência, da origem de uma *visão de cosmos* baseada na idealização de *D'us o Pai*, este mesmo que inaugura a passagem do mito à estrutura, criando esse lugar de inexistência e, ao mesmo tempo, de nascimento: "O Universo fora criado por um ser semelhante ao homem, contudo aumentado em todos aspectos, em poder, em sabedoria e em força de suas paixões (sobretudo a ignorância) –, um super-homem idealizado. Nosso caminho torna-se mais fácil de reconhecer, uma vez que esse criado D'us é chamado de pai"[7]. O mito do parricídio funda a estrutura. A passagem do mito à estrutura cria a existência de um espaço vazio e possibilita, assim, a construção de uma criação. Em outras palavras, uma criação comparece, tamponando a hiância deixada nessa passagem. Assim, o que é criado nesse espaço da passagem da ficção à estrutura é determinante na posição fantasmática e sintomática do sujeito.

[7] Freud. *A XXXV Nova Conferência, Weltanschauung* (1933 [1932] / 1976, p. 199).

Falamos do surgimento de um lugar que acontece segundo os tempos *futuro anterior* e *a posteriori*, tempos que retornam na própria prática psicanalítica. No surgimento desses dois tempos inscreve-se a fundação de uma constituição subjetiva a partir do investimento de um Outro num duplo movimento pulsional. O *Um* não se constitui sem a presença do Outro; o Outro não existe sem o *Um*. O hetero advém do homo e introduz a diferença, a *separtição. A anatomia é o destino*, o que lembra a etimologia dò termo ana-tomia em sua função de corte do corpo. É essa primitiva *separtição* – "não separação, mas partição no interior"[8] – que, desde a origem, está no nível da pulsão oral como demanda, mas estrutura o desejo.

[8] Lacan. *Le séminaire - livre 10: L'angoisse* (1962-1963). (Inédito: aula de 05 de dezembro de 1962).

Em *O seminário - livro 10: A angústia*, Lacan, a propósito da inquietante estranheza, ressalta esse fenômeno e recorre ao texto de Freud, "Das Unheimliche", de 1919. Essa inquietante estranheza é o momento, ainda que só um instante, em que o sujeito não se acha mais, ou seja, um ponto de referência que o sujeito busca, mas não encontra. Esse sentimento e essa ameaça

estão ligados à castração, à posição do sujeito em torno da dialética do ter ou do ser. Freud escolhe primeiro a via da lingüística em torno da palavra em alemão: *Unheimliche*, termo que tem certo parentesco com temor, medo, angústia, e que costuma coincidir com o que provoca a angústia[9]. O sentido de algo que deveria permanecer secreto e que sai, que deveria permanecer escondido e retorna, como na noção de recalque: o que foi retirado do inconsciente retorna, algo que fora desde sempre familiar, apesar do recalque, e em que o sujeito não mais se reconhece. Neste Seminário, Lacan se refere ao radical *Heim* como sendo a *casa do homem* para além das imagens; esse lugar representa a ausência, o lugar vazio que não é especularizável: "O homem acha sua casa num ponto situado no Outro, para além da imagem de que somos feitos, e esse lugar representa a ausência onde estamos. [...] Ele [o lugar ausente] se apossa da imagem que o suporta e a imagem especular se torna a imagem do duplo com o que ela traz de estranheza radical [...] fazendo-nos aparecer como objeto por nos revelar a não autonomia do sujeito"[10]. Quando algo de nossa existência é subtraído, seja do ponto de vista fenomenológico, de afetos, seja algo que toque mais o subjetivo, a angústia surge ante a ameaça de um novo comparecimento desse lugar-tenente da inexistência. Quando nossa vestimenta fantasmática nos é roubada, sobretudo por um objeto de amor, ou ainda quando na aproximação da retirada do véu fálico a nudez comparece, esse véu que sempre revelara a ausência colocando sobre ela um brilho fálico, aí surge a angústia.

[9] Freud. O estranho (1919/1976)

[10] Lacan. *Le séminaire - livre 10: L'angoisse* (1962-1963), (Inédito: aula de 5 de dezembro de 1962).

Como pano de fundo da estrutura do sujeito e da dialética de seu desejo está, desde Freud, a angústia de castração. Ela é também um sinal de perigo, a resposta a um sinal que anuncia uma perda e que põe em jogo a presença e o desejo do Outro: "A angústia não é o sinal de uma falta, mas [...] a ausência desse apoio da falta"[11]. A experiência desse estado de angústia seria o próprio nascimento do sujeito. O recém-nascido tenderá a repetir o afeto de angústia em outros acontecimentos que o farão reviver a experiência do nascimento, já que este implica uma primeira separação. A ausência é o principal elemento da angústia. Freud dá três exemplos muito simples, mas bem significativos sobre a ausência sentida pela criança em relação à pessoa por quem ela sente amor, *desejância*. Precisa ele: é, Primeiro, quando a criança está só; depois, quando está no escuro; enfim, quando encontra uma pessoa estranha no lugar daquela que lhe é familiar, de hábito, a mãe.

[11] *Ibid.*

Com efeito, Freud, no fim desse artigo, sublinha que a solidão, o silêncio e a escuridão são elementos sempre ligados

à angústia infantil. Nessas três condições, a criança pode experimentar um estado de angústia ligado à perda de amor e à perda do objeto, o que já está delineado desde *Projeto*, com a experiência da primeira satisfação que inaugura o funcionamento do aparelho psíquico, e também com a clivagem do objeto entre o objeto perdido e o objeto reencontrado, sua redescoberta. À ausência do seio da mãe a criança responde pela alucinação do objeto: o objeto alucinado se inscreve como faltante. A homeostase é rompida justamente quando o objeto alucinado não basta mais, a criança desperta e apela para o Outro. Assim, inaugura-se o princípio de funcionamento mental: o espaço deixado entre a alucinação e a busca de reencontro com o objeto perdido marcando o movimento do desejo. Doravante, sujeito e objeto não se encontram mais. Por estrutura, o reencontro se torna impossível e *não pára de não se escrever* nas insistentes e repetitivas contingências desse sujeito. Com o movimento de repetição, encontramos o estatuto necessário do sintoma, tendo tido sua inscrição na ficção primeira do sujeito e em sua fusão com a fantasia; mas encontramos também o comparecimento da vertente real do sintoma (*sinthoma*): aquilo que *não pára de não se escrever* no *a posteriori* da estrutura e no contra-tempo da história ficcional do sujeito.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1933[1932]) XXXV Nova Conferência, Weltanschauung. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol.XXII.

FREUD, Sigmund. (1919) O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XVII.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 4: La relation d'objet* (1956-1957). Paris: Seuil, 1994.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 10: L'angoisse* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire - livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1963-1964). Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (1964-1965). Inédito.

resumo

O artigo aborda a tese da passagem do mito à estrutura, proposta por Lacan em *O seminário - livro 4: A relação de objeto*, aprofundada em *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise*, ao abordar o "mais além do complexo de Édipo" e suas incidências no psiquismo do sujeito e em sua estrutura. Esses dois momentos do ensino de Lacan são retomados para explicar a passagem do ficcional à estrutura, a qual introduz uma ruptura na temporalidade diacrônica do sujeito, referido à mudança de estatuto da função paterna em conseqüência da travessia edipiana.

abstract

This article discusses the process of transition from myth to structure, first put forth by Lacan in the seminar *The Object Relation*. The theme subsequently receives further elaboration in the seminar *The Other Side of Psychoanalysis*, when its occurrences in the subject's psyche and in his structure as a result of undergoing the transition from the real father to the symbolic father. The Name-of-the-Father is examined in relation to *Beyond the Oedipus Complex*.

palavras-chave

Mito, estrutura, função paterna

key words

Myth, structure, paternal function